

4

Elizabeth Bishop (1911-1979): nota biográfica

Elizabeth Bishop, além de poeta, era uma viajante, e foi nessa condição que chegou ao Brasil no final de 1951. Trouxe na bagagem a experiência de morar na ainda bucólica Key West, uma breve temporada no México, e muitas expectativas em relação a um continente que nos anos 50 era mais conhecido pelas imagens exóticas dos documentários e filmes de Hollywood. A essas imagens pré-concebidas, somavam-se as leituras das velhas revistas e livros de viagens da infância.

Em 1951, aos 40 anos, embarcou num cargueiro para uma viagem em volta da América. Desceu em Santos para uma breve escala que se estendeu por quinze anos como residente, e depois por mais sete anos como visitante regular do Brasil (Nota dos editores, Góes, 2001, p.6).

Bishop desembarcou no Brasil com a intenção de visitar amigas e conhecer os pontos turísticos como uma turista. Seu plano era continuar o périplo pela América do Sul. Entretanto, a autora adoeceu e se apaixonou por uma brasileira. O resto é história.

4.1

Formação de uma poeta

Elizabeth Bishop nasceu no dia 8 de fevereiro de 1911 na cidade de Worcester (quase distrito de Boston), estado de Massachusetts (EUA). Era filha única de William Thomas Bishop e Gertrude Boomer. O pai de Elizabeth faleceu quando ela tinha apenas seis meses de vida. Após a morte do marido, Gertrude começou a ter problemas emocionais e, por conseguinte, a pequena Elizabeth, juntamente com a mãe, foi morar com a família materna no Canadá. Gertrude sentiu muito a brusca perda do marido e mergulhou numa grave depressão, da qual jamais se recuperou. Depois de internações periódicas em instituições, a mãe de Elizabeth foi permanentemente internada no ano de 1916.

A falta do pai e a doença da mãe afetaram profundamente Elizabeth. Apesar dos esforços familiares no sentido de afastar esses problemas do cotidiano da menina, não foi possível evitar que ela presenciasse uma cena que a assombrou por muitos anos e que é relatada no conto “In the village” / “Na aldeia” (Bishop, 2008, p. 99), no qual Elizabeth descreve o que seria a sua última lembrança da mãe – um grito. Um som de pavor que ecoava em meio ao silêncio da casa e pairava sobre a pequena cidade, confundindo-se com sons cotidianos (o sino da igreja, o martelar do ferreiro), grito que penetrou fundo na alma de uma criança.

Após a internação definitiva da mãe, Elizabeth continuou a morar com seus avós maternos em Nova Escócia, Canadá. Ali, no lugarejo de Great Village, Elizabeth conheceu o calor humano e o afeto de seus avós e vivenciou o que era morar em um verdadeiro lar. Porém, o aconchego não superava o medo de perder sua avó querida:

My grandmother had a glass eye, blue, almost like her other one, and this made her especially vulnerable and precious to me. My father was dead and my mother was away in a sanatorium. Until I was teased out of it, I used to ask Grandmother, when I said goodbye, to promise me not to die before I came home. A year earlier I had privately asked other relatives if they thought my grandmother could go to heaven with a glass eye⁵³ (“Primer class” Bishop, 2008, p. 402).

Quando Elizabeth completou seis anos, seus avós paternos vieram buscá-la para morar com eles em Worcester, Massachusetts. A mudança abrupta a traumatizou profundamente e ela descreve essa ruptura afetiva no conto “The country mouse”:

I had been brought back unconsulted and against my wishes to the house my father had Born in, to be saved from a life of poverty and provincialism, bare feet, suet puddings, unsanitary school slates, perhaps even from the inverted r’s of my mother’s family. With his surprising extra set of grandparents, until a few weeks ago no more than names, a new life was about to begin⁵⁴ (Bishop, 2008, p. 413).

⁵³ Minha avó tinha um olho de vidro, azul, quase igual ao outro, e isso a tornava particularmente vulnerável e preciosa para mim. Meu pai já havia morrido, e minha mãe estava internada num hospital. Eu costumava pedir a minha avó, ao despedir-me dela, que me promettesse não morrer antes de eu voltar para casa; só perdi esse hábito quando começaram a fazer troça de mim. Um ano antes, eu havia discretamente perguntado a uns parentes se eles achavam que minha avó podia ir para o céu com um olho de vidro (*Primeiras letras*, Bishop, 2008, 402).

⁵⁴ Eu havia sido trazida de volta, sem ter sido consultada e contra minha vontade, para a casa onde meu pai nascera, a fim de ser salva de uma vida de pobreza e provincianismo, pés descalços, pudins de sebo, lousas escolares anti-higiênicas, talvez até mesmo dos erros invertidos da família de minha mãe. Com esse inesperado par de avós, os quais até algumas semanas antes para mim não passavam de nomes, uma vida nova haveria de começar (*A ratinha do campo*, 1996, p.38).

A infelicidade que a pequena sentia foi demonstrada em forma de alergias e uma severa asma. A escola americana que ela frequentava trouxe um novo problema – um dilema patriótico, podemos dizer, entre Canadá e Estados Unidos. Quando Elizabeth disse a avó paterna que preferia ser canadense, a senhora a fez decorar todos os versos do hino norte-americano “The Star Spangled Banner” e recitá-los todos os dias. A estada na casa dos avós durou nove meses. Então, novamente a menina mudou de lar. Dessa vez para morar com a Tia Maud, irmã de sua mãe. A saúde melhorou, mas não a ponto de permitir que ela frequentasse a escola. Bishop ficava muito tempo acamada. Era uma criança solitária, que buscava companhia na música e nos livros.

Certa vez, quando perguntada sobre suas leituras, Elizabeth respondeu que “lia o que encontrasse pela casa, Emerson, Carlyle e os poetas da velha guarda; comecei a ler aos cinco anos e não parei mais” (Brown, 1996, p.20). Em certas épocas, quando estava muito fraca, com asma e alergias, a própria tia lia para ela em voz alta. Uma obra em particular a fez chorar muito – *Pollyana*, uma obra clássica da literatura infanto-juvenil. Os contos de fada eram outra predileção. Dois de seus autores prediletos eram os irmãos Grimm e Beatrix Potter⁵⁵. Quanto aos autores americanos (Walt Whitman, Emily Dickinson, Henry James) só viria a conhecê-los quando foi para a colônia de férias.⁵⁶

Jack Bishop, tio de Elizabeth, ciente da dificuldade da sobrinha de se relacionar com outros adolescentes, mandou-a para uma colônia de férias em Wellfleet, Massachusetts. Esse período em contato com a natureza e com meninas da mesma faixa etária foi-lhe extremamente benéfico, pois além de fazer suas primeiras amizades, ela revelou-se uma garota extremamente perspicaz, bem-humorada e amante dos esportes náuticos.

Anos depois, Bishop também admitiria que essas temporadas ao ar livre tornaram-na uma naturalista convicta. Desde criança gostou de ler sobre viagens e sobre a vida natural e, naquela época, já assinava a *National Geographic* e a *Asia* (não mais publicada). Mas gostava mesmo era de ler sobre as explorações

⁵⁵ Elizabeth Bishop possuía a coleção de Beatrix Potter e gostava de presentear os filhos de seus amigos com os livros infantis dessa autora. Não podemos evitar pensar se o coelho do poema “Armadillo” foi criado em homenagem a “Peter the rabbit”.

⁵⁶ O conhecimento tardio dos autores norte-americanos em voga na época, explica-se pela origem canadense da família materna de Bishop. Logicamente, os autores mais disponíveis à menina eram os ingleses.

científicas ao redor do mundo. Seu autor preferido era Charles Darwin e foi às suas obras que recorreu, inicialmente, para entender e apreender a paisagem brasileira.

Em 1927, Elizabeth Bishop é matriculada na Walnut Hill School for Girls em Natick, Massachusetts. Pela primeira vez, Elizabeth tem de tomar conta de si mesma, o que talvez tenha contribuído para um período inicial de fraco desempenho acadêmico.

Her academic record was uneven – she was weak in math and Latin, but she was clearly gifted in English. Five pieces by Elizabeth were printed in the school’s literary yearbook, *The Owl*, among them two brief, precocious essays on Tennyson’s *Idylls of the King*, a Thurberesque story about a hapless traffic policeman, and a magical poem about sky dragons that were turned into subway cars as punishment for eating new stars⁵⁷ (Fountain & Brazeau, 1994, p.19).

Apesar do início claudicante, em pouco tempo a jovem se adaptou ao colégio interno e passou a considerá-lo como um lar. Preferia a escola às casas dos parentes. Afinal, nas férias escolares, ela sempre poderia visitar seus tios e primos maternos, com quem se dava bem. Com a família de seu pai, o relacionamento era distante e frio.

Em 1930, Elizabeth Bishop matriculou-se no Vassar College em Poughkeepsie, New York. Lá, estuda Língua e Literatura Inglesa e colabora no jornal da instituição – *The Vassar Miscellany*. Por volta dos vinte anos, já começa a sofrer de alcoolismo. Em 1932, faz a primeira viagem turística à Terra Nova. Na primavera de 1933, funda a revista literária *Con Spirito*, juntamente com as colegas Mary McCarthy, Eleanor Clark e Muriel Rukeyser. Esse período em Vassar é evocado na obra *O grupo*, de Mary McCarthy (seu maior *best-seller*), que a transformou numa celebridade internacional nos anos 60. A obra continha algumas personagens polêmicas e McCarthy atraiu a ira de suas contemporâneas de Vassar. Uma das supostas atingidas pelo texto ferino de McCarthy foi Elizabeth Bishop. A romancista sempre afirmou que tudo não passava de intriga.

⁵⁷ O desempenho acadêmico de Bishop era irregular – fraca em matemática e latim, porém excelente em inglês. Cinco escritos seus foram publicados em *The Owl*, a revista literária da escola. Dentre eles, dois breves artigos sobre o poema *Idylls of the King* de Tennyson, uma estória “thurberesca” [cômica] sobre um guarda de trânsito, e um poema “mágico” sobre alguns dragões que habitavam o céu que comeram estrelas e, como punição, foram rebaixados e transformados em trens de metrô.

No artigo “A arte de transformar amigos em inimigos”, João Ximenes Braga comentou:

Ainda em 1979 ela [McCarthy] escreveria a Elizabeth Bishop uma carta de duas páginas tentando remendar a ruptura de uma amizade que significava muito para ela. Bishop, que inicialmente celebrara a publicação do livro, foi gradualmente persuadida por amigos de que era o modelo para a lésbica da história. E que Lota de Macedo Soares, sua amante brasileira, era o modelo para a baronesa. Quando a carta chegou, porém, Bishop já havia morrido (*O Globo*, abril de 2000).

Ainda em Vassar, Elizabeth conhece a poeta Marianne Moore, que além de tornar-se uma amiga pessoal e grande interlocutora, viria a ser uma de suas grandes mentoras no início de sua carreira como autora de poesia. O contato entre as duas não foi interrompido nem durante os quinze anos de Bishop no Brasil. Por meio de cartas, as amigas discutiam de tudo, desde poesia até as coisas mais corriqueiras do cotidiano. A importância dessa amizade é demonstrada em forma de poema – “Invitation to Miss Marianne Moore” / “Convite a Marianne Moore” (2008, p.63) – e em prosa – “Efforts of affection: a memoir of Marianne Moore” / “Esforços do afeto: memória de Marianne Moore” (2008, p. 471).

Na universidade, Elizabeth chegou a publicar alguns poemas⁵⁸ nas revistas especializadas e adquirir alguma reputação. Em 1934, colou grau em Literatura; no mesmo ano a mãe faleceu. Mudou-se para Nova York em plena depressão econômica e para complementar sua renda trabalhou, por um curto período de tempo, na USA School of Writing. Bishop descreve esse episódio no conto “The U.S.A. school of writing” (1939).

When I graduated from Vassar in 1934, during the Great Depression, jobs were still hard to find and very badly paid. Perhaps for those reasons it seemed incumbent on me and many of my classmates to find them, whether we had to or not. The spirit of the times and, of course, of my college class was radical; we were puritanically pink. Perhaps there seemed to be something virtuous in working for much less a year than our educations had been costing our families. It was a combination of this motive, real need for a little more money than I had, idle curiosity, and, I’m afraid, pure masochism that led me to answer an advertisement in the *Sunday Times* and take a job. It was a correspondence school, the U.S.A. School of Writing⁵⁹ (Bishop, 2008, p.449).

⁵⁸ Bishop já escrevia poesia desde os 12 anos. (ver Bishop, 2007 e 2008)

⁵⁹ Quando me formei em Vassar, em 1934, durante a grande depressão, ainda era muito difícil encontrar emprego, e os salários eram muito baixos. Talvez exatamente por isso, eu e muitas de minhas colegas nos achávamos na obrigação de arranjar emprego, mesmo que não precisássemos trabalhar. O espírito da época – e, naturalmente, de minha turma – era radical; éramos todas adeptas de um vago e puritano socialismo. Talvez julgássemos haver algo de virtuoso em trabalhar para

No conto, Elizabeth relata como conseguiu um emprego com um salário de quinze dólares por semana, em uma decadente escola por correspondência. O proprietário da escola havia sido multado por fraude recentemente; estava remodelando o negócio quando ela foi contratada. A escola localizava-se no último andar de um prédio decrepito no centro de New York. A escritora era obrigada a trabalhar em uma sala minúscula e abafada e aturar uma colega de trabalho que lhe tinha profundo desprezo por ser ela uma ex-aluna de Vassar. Diante desse quadro, a experiência “socialista” de Bishop não durou muito. Entre 1935 e 1938, Elizabeth viajou por muitos lugares, como Bélgica, França, Inglaterra, Norte da África, Espanha, Irlanda, Flórida e Itália, sempre à procura de um lugar para chamar de seu. A asma e o álcool nunca a impediram de viajar. A poeta gostava muito de viagens e fez muitas, quando as condições financeiras permitiam.

Bishop morou por nove meses no México e por nove anos em Key West, na Flórida. Lá, comprou sua primeira casa (1938) e escreveu *North and South* (1946), seu primeiro livro de poemas. O processo de escritura do livro de poemas foi muito doloroso. O alcoolismo e a asma pioraram, ela teve depressão e precisou fazer psicoterapia. Além dos problemas de saúde, também havia o financeiro – a pensão que o pai lhe deixou, graças à inflação, valia cada vez menos.

O livro de poemas recebeu várias críticas favoráveis de poetas eminentes como Marianne Moore, Lloyd Frankenberg, Louise Bogan e Randall Jarrell. Também em 1946, Katharine White, editora da revista *The New Yorker*, ofereceu-lhe um contrato de exclusividade para publicar seus poemas. Foi um ano de bons ventos para Bishop, pois ainda se qualificou para receber uma bolsa de dois mil e quinhentos dólares da Fundação Guggenheim para financiar o seu próximo livro de poemas. Finalmente, Elizabeth Bishop adentrara no seleto clube dos escritores de sucesso.

ganhar muito menos do que nossas famílias haviam gastado com nossa educação. Foi por esse motivo, por precisar de fato de um pouco mais de dinheiro, por simples curiosidade e, creio eu, por puro masoquismo que me interessei por um anúncio publicado no *Times* de domingo. Era de um curso por correspondência, a Escola de Redação E. U. A. (*A escola de redação E.U.A.*, Bishop, 1996, p.61).

A notoriedade fez com que Elizabeth Bishop conhecesse vários escritores proeminentes, como Robert Lowell. O encontro ocorreu no apartamento do poeta Randall Jarrell em Nova York em janeiro de 1947. Lowell era seis anos mais jovem que Bishop, já com dois livros de poesia publicados e recentemente nomeado para o cargo de consultor de poesia para a Biblioteca do Congresso. Foi um encontro memorável para ambos, seguido de uma intensa afinidade artística. O poeta iria se tornar um grande amigo e exercer grande influência na poesia e na vida de Bishop. Assim como Marianne Moore, Lowell incentivou Bishop a escrever poesia e abriu horizontes, mostrando-lhe como obter bolsas de estudo e financiamento acadêmico para sustentar-se. Em 1950, Robert Lowell indicou-a para o cargo de consultora de poesia da Biblioteca do Congresso em Washington.

Entre os anos de 1949 e 1950, a excessiva timidez e insegurança de Bishop já faziam estragos na sua saúde física e emocional. Pela primeira vez, ela estava no centro das atenções e Elizabeth detestava essa notoriedade. A angústia piorou com a nomeação para a Biblioteca do Congresso. Por duvidar de sua competência profissional, entregou-se à bebida e às crises de autocomiseração, chegando mesmo a pensar em desistir do trabalho e a pensar que nunca mais escreveria ou decidiria coisas importantes em sua vida.

Foi nessa época que a poeta decidiu se isolar em Yaddo, uma espécie de colônia para artistas e escritores estressados. Essa decisão não se revelou muito sensata, pois era comum na época os escritores se entregarem ao álcool, não como uma forma de socialização, mas como uma fuga dos conflitos internos. A colônia de escritores era uma verdadeira escola da autocomiseração, uma colônia de alcoólatras. Havia ainda a questão da dificuldade de relacionamento interpessoal e um sentimento de deslocamento, de não pertencer àquele grupo de artistas que disputavam uma guerra de egos. O assunto sempre girava em torno da produção de cada um e, naquele momento, a autora não estava em condições psicológicas de lidar com essa questão.

O período em Yaddo marca o fim de um relacionamento amoroso, a venda da casa de Key West e a mudança para Nova York. A sensação de não pertencer a nenhum lugar específico levava a poeta ao deslocamento constante, como no

poema “Sandpiper”⁶⁰ (p.125), “looking for something, something, something”⁶¹. As viagens frequentes eram o escape mais comum e também uma “terapia” que era prescrita pela Dra. Baumann, médica particular de Bishop e que mais tarde se tornaria uma grande amiga e interlocutora em inúmeras cartas trocadas entre ambas.

De acordo com Fountain & Brazeau, já era a segunda vez que Elizabeth tentava morar em New York e mais uma vez a experiência fora devastadora para ela. Definitivamente ela não pertencia àquela cidade e, chegou a dizer que nunca mais tentaria viver em Nova York novamente (1994, p. 126). A cidade era por demais grande e individualista para Bishop, que se sentia muito solitária e desamparada. A saída foi um longo cruzeiro ao redor do mundo. Porém, a companhia telefonou cancelando, por *overbooking*, a tão esperada viagem. Decidida a deixar Nova York, optou por substituir a “volta ao mundo” pela América do Sul.

4.2

Brasil: a descoberta

Elizabeth Bishop embarcou no navio “Bowplate” em novembro de 1951, rumo à América do Sul. Primeiro, ela iria visitar alguns amigos no Brasil, depois continuar o cruzeiro até a Terra do Fogo e depois, quem sabe?, continuar até a Europa? Ela não tinha nenhum destino específico.

Em carta a Robert Lowell, ainda a bordo do navio mercante, Bishop escreve em 26 de novembro de 1951: “[...] no momento estamos chegando perto de Santos – com um atraso de dois dias por causa de umas tempestades – e antes vou passar uns dias no Rio” [...] (Bishop, 1995, p.228).

Assim, Bishop escreve as primeiras impressões do Brasil no poema “Arrival at Santos” (p. 65):

⁶⁰ Exceto quando indicado, todos os poemas ou textos em prosa citados ou mencionados são provenientes da edição Bishop, Elizabeth. (2008). Assim como, todos os poemas e textos em prosa traduzidos para o português são provenientes de Bishop, Tradução de Paulo Henriques Britto (1995, 1996, 1999 e 2001)

⁶¹ “procurando alguma coisa, alguma coisa” (“Maçarico”, Bishop, 2001, p. 225).

Here is a coast; here is a harbor;
 here, after a meager diet of horizon, is some scenery:
 impractically shaped and – who knows? – self-pitying mountains,
 sad and harsh beneath their frivolous greenery,

with a little church on top of one. And some warehouses,
 some of them painted a feeble pink, or blue,
 and some tall, uncertain palms. Oh, tourist,
 is this how this country is going to answer you⁶²

Depois de dezoito dias de céu e mar, Elizabeth Bishop sente-se frustrada nas suas expectativas. Certamente esperava um típico cenário tropical, mas a paisagem é decepcionante. Os qualificativos para o que vê são “frugal”, “triste”, “agreste”, “frívola”, “débil” e “insegura”. Uma topografia bem diferente daquela que qualquer turista imagina encontrar no Brasil. Uma vez desfeito o momento mágico, a turista volta-se para coisas mais práticas: o desembarque, a burocracia da alfândega, questões corriqueiras de um viajante qualquer. Somente após algum tempo, percebe que está em um país que é representado por uma bandeira, moeda, correios etc. Depois das formalidades, está pronta para seguir para o interior.

Após alguns dias em São Paulo, Elizabeth chegou ao Rio de Janeiro, sendo recebida na estação de trem pelas amigas Mary Morse e Pearl Kazan. Morse instalou Bishop no apartamento de Lota Soares no Leme e disse-lhe que poderia ficar o tempo que quisesse, pois ela própria teria que retornar à serra de Petrópolis, onde Lota estava construindo uma casa ultramoderna. Ficou combinado que Lota a buscaria no final de semana seguinte, para que conhecesse a região serrana. Mais uma vez, Bishop viu-se sozinha e desamparada em uma cidade completamente estranha, uma mistura de Cidade do México com Miami, segundo lhe pareceu.

A má vontade de Elizabeth Bishop com o país e a cidade que contemplava de cima, fica mais clara quando lemos “Young man in the park” um poema sobre o Rio que, como tantos outros, a poeta não chegou a terminar⁶³. A poeta observa,

⁶² Eis uma costa; eis um porto / após uma dieta frugal de horizonte, uma paisagem; / morros de formas nada práticas, cheios – quem sabe? – de autocomiseração, / tristes e agrestes sob a frívola folhagem, // uma igreja no alto de um deles. E armazéns, / alguns em tons débeis de rosa, ou de azul, / e umas palmeiras, altas e inseguras. Ah, turista, / então é isso que este país tão longe ao sul // tem a oferecer. [...] (*Chegada em Santos*, Bishop, 2001, p.137).

⁶³ Alice Quinn editou o volume *Elizabeth Bishop: Edgar Allan Poe and the juke-box* (2006) com vários dos famosos fragmentos e poemas inacabados que, até então, só tinham aparecido em numerosos estudos acadêmicos sobre a autora.

a distância, um jovem pensativo que está de costas para o mar e o porto, falando para si mesma (Bishop, 2006, p.96):

[...]
 Oh homesick young man
 that's not the way to conquer [the] country
 the voyage is behind you
 and here is your labor
 [...]
 Oh homesick young man, the steamers are nudging you inland
 you refuse to look into your future
 you have put the back of a park bench like a fence a barred gate
 between you and the interior ⁶⁴
 [...]

Na verdade, a solidão do Rio de Janeiro levou Bishop a fazer uma reflexão sobre sua vida. Os navios a transportaram para vários lugares, forçando-a a penetrar no interior desses países, mas as viagens eram fugas. Ela não viajava em busca de autoconhecimento, como é comum, mas para fugir de seu próprio eu. Na realidade, Elizabeth sofria e, cheia de autocomiseração, perguntava-se o que estava fazendo ali, naquela cidade feia, suja e desorganizada; um cenário natural estonteante, em meio a uma atmosfera vaga e majestosa. Nesse ponto, Bishop concordava com Mário de Andrade, que escreveu em seu *O turista aprendiz*.

8 de maio, 1927 - Rio de Janeiro. [...] Não sei, acho o Rio uma cidade muito feia, mas dizem que é bonita.. . A natureza sim é maravilhosa, eu sei, mas a cidade, a urbanidade, o trabalho do homem, o sofrimento e a glória do homem, é uma coisa detestável. O mais importante a observar são as ruas dos bairros de residência e os subúrbios pobres. As ruas residenciais têm um ar família, um ar interior de casa de-manhã, ainda sem a limpeza pro dia, um ar indiscreto saia-e-blusa, que não é só ar, é verdade. A gente continua, como a descrita por Debret, mais que indiscretamente vestida nas portas, nas calçadas (Andrade, 2002, p.51).

Bishop não pretendia ficar no Rio por muito tempo, já havia se programado para seguir viagem em duas semanas; porém, perto do Natal, a longa viagem de circunavegação do Atlântico ao Pacífico foi interrompida, por ironia do destino, por causa de um caju. Bishop, ao degustar a fruta brasileira, teve uma terrível reação alérgica e a travessia da Terra do Fogo foi adiada. A “parada

⁶⁴ Ó jovem saudoso / este não é o modo de conquistar [o] país / a jornada chegou ao fim / e esta é tua empreitada

Ó jovem saudoso / os navios te empurram cada vez mais para o interior / e te recusas a olhar para o futuro / o banco do parque é como um muro, uma barreira / entre ti e o interior

técnica” de alguns dias no Brasil resultou em uma permanência de cerca de quinze anos.

I wasn't even interested in Brazil to start with, but it was my freighter's first stop. [...] I have some Brazilian friends in Rio I used to know in New York – so I went to visit for two weeks and have stayed for four months. [letter to Robert Lowell on March 21st, 1952]⁶⁵ (Lowell, 2008, p.133).

Elizabeth era uma pessoa solitária e carente. A personalidade reservada, graças à ascendência puritana e, em grande parte, pela sua timidez, não estava preparada para o calor humano brasileiro. Esse “calor humano” era a famosa “cordialidade brasileira” a que se refere Holanda em *Raízes do Brasil* (1995).

Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade – daremos ao mundo o "homem cordial". A lhanza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano, supor que essas virtudes possam significar "boas maneiras", civilidade.

Nenhum povo está mais distante dessa noção ritualista da vida do que o brasileiro. Nossa forma ordinária de convívio social é, no fundo, justamente o contrário da polidez. Ela pode iludir na aparência – e isso se explica pelo fato de a atitude polida consistir precisamente em uma espécie de mímica deliberada de manifestações que são espontâneas no "homem cordial": é a forma natural e viva que se converteu em fórmula. Além disso a polidez é, de algum modo, organização de defesa ante a sociedade. Detém-se na parte exterior, epidérmica do indivíduo, podendo mesmo servir, quando necessário, de peça de resistência. Equivale a um disfarce que permitirá a cada qual preservar intatas sua sensibilidade e suas emoções (Holanda, 1995, p. 146-147).

A expressão “homem cordial”, na verdade, é de Ribeiro Couto. Segundo o autor de *Cabocla* (1931), a cordialidade seria a “contribuição brasileira à obra da civilização”.

É da fusão do homem ibérico com a terra nova e as raças primitivas, que deve sair o “sentido americano” (latino), a raça nova produto de uma cultura e de uma intuição virgem – o Homem Cordial. Nossa América, a meu ver, está dando ao mundo isto: o Homem Cordial. O egoísmo europeu, batido de perseguições religiosas e de catástrofes econômicas, tocado pela intolerância e pela fome, atravessou os mares e fundou ali, no leito das mulheres primitivas e em toda a

⁶⁵ Para começar, eu não estava tão interessada no Brasil, mas era a primeira parada do meu navio [...] Eu tenho algumas amigas brasileiras no Rio que eu conhecia de Nova York – então, vim para uma visita de duas semanas e estou aqui há mais de quatro meses. [carta a Robert Lowell em 21 de março, 1952] Meu grifo.

vastidão generosa daquela terra, a Família dos Homens Cordiais, esses que se distinguem do resto da humanidade por duas características essencialmente americanas: o espírito hospitaleiro e a tendência à credulidade. Numa palavra, o Homem Cordial (Couto *apud* Bezerra, 2005, p. 125).

A cordialidade a que se referem Ribeiro Couto e Sérgio Buarque de Holanda não tem por objetivo destacar as qualidades do homem brasileiro e sim um comportamento sanguíneo do brasileiro em relação aos outros. O homem cordial reage visceralmente, manifestando sentimentos antagônicos, mesmo com estranhos, ao invés de tratá-los com a polidez impessoal que é a marca da urbanidade. Se buscarmos a etnologia da palavra – que vem do coração (*cordiālis* 'relativo ao coração') – veremos que ela pode implicar tanto amor quanto ódio. Portanto, Holanda (1995) nos diz que o brasileiro obedece primeiramente ao coração e não às leis de convívio social.

Quando Elizabeth sofre a forte reação alérgica ao caju, revelou-se o lado bondoso e atencioso dos amigos de Lota. Na verdade, as pessoas a tratavam com deferência por ela ser companheira de Lota Soares. Porém, quando Lota morreu, Bishop veio a conhecer o outro lado dessa “cordialidade” – “a inimizade cordial” que surge com toda a fúria (Britto, 1999, p.37), quando as pessoas a acusaram abertamente de ter causado a morte da companheira. No início da vida no Brasil, a poeta comenta o contato caloroso dos brasileiros profusamente em cartas para os amigos. Em janeiro de 1952, Elizabeth escreve a sua médica particular, Dra. Baumann:

Yesterday I felt so much better I started to wash my hair and fainted. My poor hostess [Lota] got so alarmed that *she* started to faint – surely the perfect hostess. It was very funny. Fortunately everyone has been extremely kind. All the friends and relatives come with suggestions and their own bottles of pills etc⁶⁶ (Bishop, 1994, p. 231).

Finalmente, aos 42 anos, Bishop havia encontrado em Lota seu “porto seguro”, que era, ao mesmo tempo, amiga, companheira e um pouco mãe. A brasileira cuidou com desvelo do alcoolismo e da depressão da poeta. Ofereceu um lar (o sítio Samambaia) e o conforto emocional que Elizabeth não sentia desde

⁶⁶ Ontem eu estava me sentindo muito melhor, tanto que resolvi lavar a cabeça, e desmaiei. A pobre da minha anfitriã [Lota] ficou tão assustada que começou a desmaiar – sem dúvida, é a anfitriã perfeita. Foi muito engraçado. Felizmente todo mundo tem sido gentilíssimo. Todos os amigos e parentes me trazem sugestões e frascos de pílulas etc. (Bishop, 1995, p. 235).

sua infância no Canadá. Samambaia transformou-se em um ninho de amor, um ambiente de sonhos, um lugar paradisíaco em meio às montanhas da serra de Petrópolis. Em homenagem a Lota, Elizabeth escreve o poema “The shampoo” / “O banho de xampu” (2008, p.66).

Lota de Macedo Soares era uma mulher culta e não hesitou em proporcionar a Bishop os meios para que esta pudesse escrever até mesmo lhe construindo um estúdio. Durante os anos em que viveu no Brasil, Elizabeth esforçou-se com algum êxito no sentido de controlar a depressão e o alcoolismo, tendo contribuído para essas duas condições vários fatores, como: estar afastada de Nova York e do meio intelectual nova-iorquino, que sempre tinham provocado nela uma grande angústia e ansiedade; não se sentir pressionada no sentido de escrever, amar e sentir-se amada; e ter encontrado um lar e uma família. Toda essa paz e segurança fizeram com que Elizabeth começasse a lidar melhor com as lembranças dolorosas da infância. A atmosfera rústica do sítio Samambaia a fez relembrar a época em que vivia modestamente na casa de seus avós maternos no frio Canadá.

Outras razões fizeram com que Elizabeth Bishop decidisse ficar no Brasil, não apenas Carlota Macedo Soares. Contribuíram também a sensação de segurança tanto habitacional quanto econômica. Voltar aos Estados Unidos era viver aquela sensação de deslocamento e desamparo, devido ao fato de ser uma poeta com recursos insuficientes para se manter, por depender afetiva e economicamente de outras pessoas e por não poder assumir sua opção sexual. Essa sensação de insegurança e abandono que sempre a acompanhou foi diminuindo e uma nova Elizabeth aflorou no Brasil, quando ela percebeu que relembrar o passado já não a afetava tanto.

Impulsionada pela proteção que sentia, Bishop começou a escrever sobre as perdas dos seus primeiros anos de vida: exemplos disso são os contos “In the village” e “Gwendolyn” (Bishop, 2008, p. 605). Durante o tempo em que viveu no Brasil, Elizabeth Bishop sempre se manteve informada sobre o cenário literário norte-americano, quer por meio das publicações que assinava, quer por meio da correspondência que trocava com amigos e conhecidos, pois era uma prolífica missivista.

Bishop era profundamente observadora, anotava todas as suas impressões. Os menores detalhes da natureza e do cotidiano da vida em Samambaia estão

descritos pormenorizadamente nas cartas que escrevia aos amigos do exterior. Ao escrever aos amigos, num estilo informal e íntimo, evocava todos os acontecimentos tristes, engraçados, prosaicos, juntamente com suas ansiedades e dificuldades criativas. Comentava a produção dos escritores, falecimentos dos amigos, os problemas emocionais, doenças daqueles que amava e, especialmente com Robert Lowell, seu trabalho poético e sua carreira. “Through her letters Bishop made Brazil a place where she could lead congenially double lives. In one sense, the letters were the shuttle between her art and her life, a new loom”⁶⁷ (Kalstone, 1989, p 155).

4.3

Questões de viagem

Elizabeth não havia publicado nenhum poema desde seu livro de estréia, até que em 1955 publicou o livro *Poems: North & South – A cold spring*, com o qual ganhou o Prêmio Pulitzer (1956). Esse livro continha o volume *North & South*, que se encontrava esgotado, e um novo volume, *A cold spring*. Embora estivesse no Brasil há quatro anos, os poemas que surgem na nova obra não evocam este país, à exceção de “Arrival at Santos” e “The Shampoo”⁶⁸. A crítica norte- americana foi muito positiva em relação ao novo livro de poemas, reconhecendo que houve uma evolução no trabalho da autora.

Entre 1952 e 1964 publicou poemas sobre o Brasil, principalmente na revista *New Yorker*, como “Manuelzinho” (26/05/1956) que foi, segundo a autora, “the first attempt to say anything much about Brazil ”⁶⁹ (Bishop, 1994, p. 315) com alguma dimensão política e social.

O quadro de poemas a seguir indica os poemas publicados na revista *New Yorker*⁷⁰:

⁶⁷ Por meio de suas cartas, Bishop fez do Brasil um lugar onde ela podia levar uma conveniente vida dupla. Num certo sentido, as cartas eram uma via de mão dupla entre a sua arte e sua vida, uma nova perspectiva.

⁶⁸ “Arrival at Santos” e “The Shampoo” já haviam sido publicados anteriormente em revistas literárias.

⁶⁹ “a primeira tentativa de dizer alguma coisa sobre o Brasil.”

⁷⁰ Ver quadro dos poemas de temática brasileira no anexo 2.

Quadro 1 – Poemas publicados na revista *New Yorker*.

Poema	Iniciado em	Publicado na <i>New Yorker</i> em
1. Arrival at Santos	1951	21/06/1952
2. The shampoo	1952	<i>New Republic</i> , 1955
3. Questions of travel	1952	21/01/1956
4. Squatter's children	1955	23/03/1956
5. Manuelzinho	1955	26/05/1956
6. Brazil, January 1, 1502	1956	02/01/1960
7. Electrical storm	1955	02/04/1960
8. The armadillo	Junho 1956	22/06/1957

Além de “Manuelzinho”, acrescentamos ainda “The riverman”/”O ribeirinho” (2008, p. 85) e “The burglar of Babylon”/”O ladrão da Babilônia” (2008, p. 90) como os três poemas que retratam tipos brasileiros. O primeiro é o “matuto”, que bem poderia lembrar o famoso personagem Jeca Tatu, de Monteiro Lobato. O segundo é o “caboclo amazonense”, que sobrevive da floresta e dos rios. O terceiro é o brutalizado pela selva de pedra, representado pelo bandido Micuçu. Todos sem espaço, todos no entre-lugar da sociedade. Podemos ainda acrescentar um quarto representante – Severino, o retirante do poema “Morte e vida severina”⁷¹ de João Cabral de Melo Neto, que foi traduzido em parte por Elizabeth Bishop. O matuto, o caboclo, o bandido e o retirante são todos frutos de uma visão etnocêntrica do século XIX que ainda perdurava na época em que Bishop viveu no Brasil.

É preciso lembrar que Elizabeth sentia-se naturalmente superior, até pela procedência americana e pela educação formal. Entretanto, a educação familiar que recebeu da parte materna, uma humilde e devota família canadense, era baseada em valores cristãos, os quais acompanharam a poeta por toda a vida. Enquanto viveu no norte dos Estados Unidos, Elizabeth não teve muitas oportunidades de realmente se confrontar com o outro. Foi necessário se deslocar para o sul, para Key West, na Flórida.

During this time, her poems began to show an interest in interpersonal relationships shaped by race and class when she lived in Key West and directly observed class and racial divisions. [...] Bishop attempts to write “more serious” poems by directly confronting ethical questions and racial relationships through people's actual lives rather than through intertextual dialogues or symbolic

⁷¹ The death and life of a Severino (2008, p. 271).

images as she did in her early poems such as “Casabianca,” “Roosters,” and “Songs for a Colored Singer”⁷² (Xzaojing, 1995, p.68-171).

A bússola de Bishop continuava a apontar em direção ao sul. Em abril 1942, viaja com uma amiga para o México, conhece Pablo Neruda e esposa e pinta uma aquarela:

Há na capa da edição dos *Complete poems* de Elizabeth Bishop, uma aquarela pintada pela escritora quando de uma ida ao México em 1942 que lembra, pelo abandono da paisagem, pela falta de presença humana visível, esses lugares desertos ou ao menos aparentemente vazios que serviam de motivo central no trabalho fotográfico de Eugène Atget. Mas o que a aquarela de “Mérida, vista do telhado”, com suas casas baixas coloridas, torres de igreja, palmeiras e muitos – mas muitos mesmo – moinhos de vento, lembra sobretudo são as paisagens-em-versos da própria escritora (Sussekind, *Papeis colados*, 1993, p.343).

Sobre a visita ao México há pouca informação disponível na vasta bibliografia⁷³ sobre a vida e obra de Elizabeth Bishop. Entretanto, recentemente, foi divulgada uma gravação de uma entrevista transmitida em um programa de rádio educativa Nova York. Nessa entrevista Bishop (1977) faz alguns comentários acerca do encontro com o poeta chileno Pablo Neruda em Mérida.

Na época, conta a autora, durante o voo de Havana para Mérida, chamou sua atenção um senhor que dormia profundamente algumas poltronas à frente. O objeto da atenção de Bishop não era propriamente a pessoa (Neruda), mas a camisa que ele vestia, muito incomum, semelhante às de dois meninos da tribo Micmac que frequentavam a escola primária de Nova Scotia, quando Elizabeth morava lá. Em Mérida, Bishop e Marjorie Stevens, já instaladas em seu quarto de hotel, foram surpreendidas quando o mesmo senhor do avião bateu à porta do quarto e se apresentou como Pablo Neruda, o poeta. Elizabeth contou que ficou envergonhada, pois nunca tinha ouvido falar dele, quanto mais lido seus poemas.

⁷² Nessa época, quando morou em Key West, ao observar diretamente as divisões raciais e de classe, os poemas de Elizabeth Bishop começaram a revelar um certo interesse em relacionamentos interpessoais moldados por raça e classe social, pois os observou diretamente. [...] Bishop tentou escrever poemas ‘mais sérios’, confrontando diretamente questões éticas e relacionamentos interracialis observando como as pessoas viviam realmente em vez de recorrer a diálogos intertextuais e imagens simbólicas como fez em seus primeiros poemas: “Casabianca,” [traduzido e publicado por Horácio Costa com o título original] “Galos,” e “Canções para uma cantora de cor”.

⁷³ Dos vários estudos pesquisados, apenas MILLIER (1993) refere-se ao encontro ocorrido em 1943 (p. 165/166).

Pablo Neruda queria convidá-las para conhecer as pirâmides de Chichén Itzá e compartilhar as despesas de viagem. Bishop e Marjorie tornaram-se amigas do casal Neruda e se encontraram muitas vezes durante a temporada no México. Neruda era adido consular no México e ajudou-as a se instalarem na Cidade do México. O poeta até convidou-as para conhecerem sua casa na cidade de Cuernavaca. Em uma dessas ocasiões, o grupo estava jantando em um restaurante local e Neruda comentou que havia avistado alguns inimigos políticos (ele era comunista), quando alguém jogou um objeto em sua direção, o que resultou em uma visita ao hospital local e alguns pontos na cabeça.

Elizabeth Bishop disse que logo se identificou com o poeta chileno, pois ambos gostavam das mesmas coisas: viagens, natureza e o oceano. O poeta colecionava conchas do mar e, por muitos anos, a autora enviou-lhe conchas do mar que coletava no Brasil ou em suas viagens ao exterior. Mas, com o passar dos anos, perdeu o contato com ele.

Em 1951, a bússola apontou novamente para o sul, abaixo da linha do Equador, e Elizabeth Bishop chega ao Brasil. A marcante paisagem e a diversidade cultural brasileira oferecem à autora uma grande fonte para um terceiro livro de poesias. Em correspondência para Paul Brooks, editor chefe da Houghton Mifflin, Bishop escreve em 02/01/1953:

Since I have moved to the other side of the Equator and have started a lot of quite different things, the work I am doing right now will be a new departure and will not go with these poems [*A cold spring*] very well (Bishop, 1994, p.253).⁷⁴

A partir de 1953, Bishop dedicou-se à leitura e tradução de textos brasileiros como forma de exercício para conhecer melhor a literatura e a língua portuguesa. Leu Machado de Assis, Euclides da Cunha, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Luís de Camões e outros. Elizabeth usufruiu da vasta biblioteca de Lota Soares, sua principal mediadora cultural, que tinha amizades importantes no meio intelectual e político do Brasil.

Um das primeiras leituras foi *Minha vida de menina*, de Helena Morley, publicado pela primeira vez em 1942 com uma edição de dois mil exemplares.

⁷⁴ Desde que mudei para o outro lado do Equador e iniciei muitas coisas diferentes, o trabalho que estou desenvolvendo neste momento é uma nova fase, e não combinará com esses poemas [*A cold spring*] muito bem.

Helena Morley era o pseudônimo da autora Alice Dayrell Brant, que adotou o sobrenome inglês da família do pai. O livro retrata com simplicidade a vida e os hábitos de uma menina descendente de ingleses, entre seus 12 e 15 anos, na província de Diamantina em Minas Gerais, entre os anos de 1893 e 1895. O diário virou um clássico e ganhou reputação nos círculos literários do Rio de Janeiro, atraindo a atenção de grandes escritores como Guimarães Rosa e do francês George Bernanos, que na época morava no Brasil.

Elizabeth Bishop gostou muito da obra, principalmente por se tratar de um testemunho autêntico da história do Brasil e porque o texto era escrito em uma linguagem simples e coloquial. Decidiu traduzi-lo como forma de exercício para compreender melhor a língua portuguesa, mas a tarefa se tornou um projeto mais sério, que levou quatro anos para ser concluído. Durante todo o processo, Bishop fez leituras de paratextos como *Explorations of the Highlands of Brazil* (1889) de Sir Richard Burton, livros de arquitetura barroca de Minas Gerais e de história do Brasil. Entrevistou a Alice Brant e visitou Diamantina por quatro dias para escrever a introdução do livro para os leitores de língua inglesa.

Traduziu em parceria com o autor e editou *Modern architecture in Brazil*, de Henrique Mindlin. Traduziu igualmente Manuel Bandeira, João Cabral de Mello Neto, Joaquim Cardozo, Carlos Drummond de Andrade e Vinicius de Moraes. Em 1963 publicou traduções de três contos de Clarice Lispector: “The smallest woman in the world”, “A hen” e “Marmosets”. É importante comentar que Elizabeth já conhecia os três contos de Lispector antes da década de 60, pois se refere a ela em cartas e também se serve do conto “The smallest woman in the world” no poema “Brazil, January 1, 1502”.

“The smallest woman in the world”

[...] The tiny race, retreating, always retreating, has finished hiding away in the heart of Africa, where the lucky explorer discovered it. [...] at that moment, Little Flower scratched herself where no one scratches. The explorer — as if he were receiving the highest prize for chastity to which an idealistic man dares aspire — the explorer, experienced as he was, looked the other way⁷⁵ (Lispector, trad. Bishop, 2008, p. 302-307).

⁷⁵ [...] A racinha de gente, sempre a recuar e a recuar, terminou aquarteirando-se no coração da África, onde o explorador afortunado a descobriria. [...] Nesse instante Pequena Flor coçou-se onde uma pessoa não se coça. O explorador — como se estivesse recebendo o mais alto prêmio de castidade a que um homem, sempre tão idealista, ousa aspirar — o explorador, tão vívido, desviou os olhos. (“A menor mulher do mundo”, Lispector, 1974, p. 70-77)

“Brazil, January 1, 1502”

[...]

Directly after Mass, humming perhaps
L' Homme armé or some such tune,
 they ripped away into the hanging fabric,
 each out to catch an Indian for himself—
 those maddening little women who kept calling,
 calling to each other (or had the birds waked up?)
 and retreating, always retreating, behind it⁷⁶
 (Bishop, 2008, p. 72).

O poema “Brazil, January 1, 1502” é a representação da paisagem brasileira para Bishop. Em forma de poesia, a autora “pinta”, ou melhor, tece as palavras para compor sua visão do paraíso tropical. Vivendo há dez anos no Brasil, Bishop “compõe” um poema inspirado nas suas leituras brasileiras: a natureza exuberante da Amazônia, os índios do Xingu, a paisagem plástica do Rio de Janeiro, os textos quinhentistas, passando pelos textos modernistas, até chegar ao texto de Lispector.

A epígrafe retirada do livro *Landscape into art* (1952) de Sir Kenneth Clark, “embroidered nature . . . tapestried landscape” tampouco é gratuita. Segundo Goldensohn, o autor inglês enfatiza que as paisagens são representações que carregam a ideologia e experiência pessoal de cada artista. Ao adaptar a epígrafe, Bishop sugere, no início do poema, que a descrição cristã da paisagem brasileira deve ser entendida com reservas.

Observemos dois importantes trechos do livro *Landscape into art*.

What was it which made men no longer content to put together the precious fragments of (embroidered) nature into some decorative whole? The answer is: a new idea of space and a new perception of light. In the landscape of symbols the nexus of unity was the flat surface of the wall, panel or tapestry. This is not a childish or irrational way of recording visual experience, for our eye does not dwell on a single point, but moves, and we move, and a procession of objects passes before it⁷⁷ (p.9).

⁷⁶ [...] Logo depois da missa, talvez cantarolando / “*L' Homme armé*” ou outro tema assim, enlouquecidos, rasgaram a tapeçaria / e cada um foi atrás de uma índia – / aquelas mulherezinhas irritantes / gritando uma pra outra (ou foram as árvores que acordaram?) / e se embrenhando, se embrenhando no desenho. (“Brasil, 1º de janeiro de 1502”, Bishop, 2001, p.141)

⁷⁷ O que fez o homem não contentar-se mais em juntar preciosos fragmentos da natureza (bordada) em um conjunto decorativo? A resposta é: uma nova concepção de espaço e uma nova percepção da luminosidade. Na paisagem dos símbolos, o nexa da unidade era a superfície plana da parede, painel ou tapeçaria. Esse não é um modo infantil ou irracional de registrar a experiência visual, porque nossa visão não repousa em um ponto somente, mas se move, e nós nos movemos, e um desfile de objetos passa perante nós.

[...] In it man, even though he be St. George, almost disappears in the luxuriance of the forest. Trees fill every inch of the picture, not the orderly, decorative trees of **tapestry landscape**, with their gifts of fruit and blossom, but menacing, organic growth, ready to smother and strangle any intruder. And who were the natural inhabitants of this primaeval forest?⁷⁸ [grifo nosso] (p. 33).

Elizabeth Bishop também se inspirou no poema "Établissement d'une communauté au Brésil" de Max Jacob⁷⁹. Segundo Sylvia Henneberg (2003), o estilo do poeta francês influenciou o tom surrealista do poema "Brazil, January 1, 1502". O poema de Max Jacob narra um ritual de antropofagia nos trópicos, uma intertextualidade entre o texto de Montaigne⁸⁰ e de Hans Staden⁸¹.

A intertextualidade que mencionamos acima tem relação direta com o movimento modernista francês e, conseqüentemente, influenciou os modernistas brasileiros, especialmente Oswald de Andrade, autor do manifesto antropofágico de 1928. Como argumenta Bitarões Netto:

A figura do canibal tornou-se uma constante na arte europeia desde o momento que os intelectuais começaram a reavaliar os conceitos de primitivo e civilizado. Esse fato promoveu a relativização de uma postura até então canônica, a de a cultura do outro era inferior ou menor em relação ao saber eurocêntrico. A partir dos ensaios de Montaigne, amplamente relido na Europa durante essa crítica à nobreza do homem europeu, chegou-se a conclusão de que cada um chama de barbárie o que não pertence aos seus costumes (2003, p.27).

Segundo Bitarões Netto (p.28), a metáfora digestiva foi amplamente empregada por vários artistas como Blaise Cendrars, Paul Gauguin, Apollinaire, André Breton, entre outros. Embora não seja cidadã francesa podemos incluir Elizabeth Bishop na lista elaborada por Netto. Bishop, pintora nas horas vagas como Max Jacob, compõe uma cena em que um ritual cristão subitamente se

⁷⁸ [...] Nela [na pintura] o homem [...] quase desaparece na luxuriante floresta. Árvores preenchem cada milímetro da pintura, não aquelas árvores decorativas, ordenadamente dispostas como em uma paisagem de uma tapeçaria bordada, com suas dádivas de frutas e flores, mas uma proliferação orgânica ameaçadora, pronta para asfixiar e estrangular qualquer invasor. Quem eram os habitantes naturais desta floresta primeva?

⁷⁹ Max Jacob (1876-1944) poeta e pintor, era visto por sua geração como uma figura contraditória: judeu, convertido ao cristianismo e homossexual. Foi um dos fundadores do modernismo francês. Amigo de Picasso e Apollinaire participou ativamente dos movimentos cubista e surrealista. O poema "Établissement d'une communauté au Brésil" faz parte do livro *Le laboratoire central*, publicado em 1921.

⁸⁰ MONTAIGNE, 2009.

⁸¹ STADEN, Hans, 1974.

transforma em uma perseguição, na qual os civilizados se lançam sobre as indígenas com ímpeto primitivo e sexual, maculando e destruindo, metaforicamente, a natureza brasileira. Para a autora, no Brasil dos anos 60, de certa forma, os “janeiros” ainda eram os mesmos, apenas mudaram os atores.

Ainda recorrendo a Bitarães Netto:

O Brasil foi pintado, nas crônicas escritas desde o século XVI, como um país desfrutável, um rico território a se consumido pelo olhar, tato e paladar daqueles que viessem habitá-lo. As descrições feitas por Caminha, Léry, Thevet, Gandavo e Cardim apontam para uma região repleta de frutos peixes, aves, animais e açúcar: um paraíso à disposição para ser explorado, uma terra de ninguém que poderia proporcionar muito lucro a quem se aventurasse a colonizá-la (p. 79).

Elizabeth Bishop conhecia a poesia de Max Jacob e chegou a traduzir alguns poemas de Jacob no início da carreira. De acordo com Hennemberg, pode-se notar a influência de Jacob nos poemas “The monument” (2008, p. 18) e “Sleeping on the ceiling” (2008, p. 22), que fazem parte do livro *North and South*, o primeiro de Bishop.

Em junho de 1961, atraída por um bônus de dez mil dólares e passagens para viajar dentro do Brasil e para os Estados Unidos, concorda em escrever o volume *Brazil* para a Time Life. Esse trabalho a estressou muito. Pressionada pelos rígidos prazos da Time Life, não executou o trabalho no seu modo meticuloso e não teve tempo de viajar pelo Brasil. Além disso, seu texto foi muito alterado pelos editores, levando-a a comentar que se arrependia de ter aceito o trabalho. O descontentamento da autora era tal que costumava fazer anotações nos exemplares que presenteava. Dois deles estão no acervo de obras raras da biblioteca de Vassar. No exemplar presenteado à Magu Leão, Elizabeth escreveu “Magu, a Brazil without a tree or flower in it!”, no exemplar de Rosalina Leão, “Rosita with love and apologies (Rio de Janeiro, April, 1962)⁸²”.

Em 1965 publicou o seu terceiro livro de poemas, *Questions of travel*, que recebeu críticas extremamente positivas. Esse novo livro é dividido em duas partes – “Brazil” e “Elsewhere”. A primeira, como o próprio título diz, inclui poemas sobre o Brasil, no hemisfério sul; a segunda é composta de poemas que ecoam a terra natal no hemisfério norte, em especial a Nova Escócia, Canadá.

⁸² “Magu, um Brasil sem árvores nem flores” / “Rosita com amor e desculpas”. Magu e Rosita (Rosalina) Leão eram grandes amigas de Lota Soares. Magu trabalhou com Lota na construção do Parque do Flamengo, Rosita acompanhou Bishop à Amazônia.

Duas realidades distintas, dois climas e paisagens diferentes. *Questions of Travel* também nos mostra como esse contato com os trópicos mudou a percepção da autora em relação ao mundo e a si mesma.

Bishop saw Brazil with a guide. When her own perceptions interacted with those of a Brazilian familiar with the place or the event, her travel writing was insightful, witty, and more often finished. She characterized that interaction: “I was lucky to spend most of these years in the company of Brazilians and to see society from a double point of view – perhaps in that way with more three dimensionally than a traveler or a tourist would have seen it, or the Brazilians themselves”⁸³ (Harrison, 1993, p. 171).

A vivência de Bishop no Brasil se dá em uma época de muita turbulência política. E ela toma parte indiretamente dessa turbulência, por estar convivendo com Carlota Soares, daí tomar conhecimento dos bastidores da história brasileira. Durante a sua estada, ocorrem o suicídio de Getúlio Vargas, a eleição de Juscelino Kubitschek, a mudança da capital federal, a renúncia de Jânio Quadros, a deposição de João Goulart, um golpe de Estado, os anos de chumbo e três Copas do Mundo de futebol (1958, 1962 e 1970). Tudo isso visto da perspectiva de sua companheira e seu círculo de amigos.

Um dos amigos de Lota, Carlos Lacerda, era muito admirado por Bishop (pelo menos no princípio). Foi ele o responsável indireto pela fragilização e, mais tarde, pelo rompimento do relacionamento da poeta com Lota Soares. Uma sugestão de Lota (a construção do Parque do Flamengo) ao recém-eleito governador do Estado da Guanabara, Carlos Lacerda, resulta na nomeação desta para o cargo de coordenadora do megaprojeto. Essa situação leva à mudança das duas de Samambaia para o Rio de Janeiro, para horror de Elizabeth, que detestava a ex-capital.

⁸³ Bishop via o Brasil através de um guia de viagens. Quando a sua percepção interagiu com a de um brasileiro que conhecia o lugar ou o evento, a sua prosa de viagem era inteligente e perspicaz, e frequentemente mais bem acabada. Bishop falou sobre essa interação: “Eu tive sorte de conviver a maioria do tempo com brasileiros e ver a sociedade brasileira segundo um duplo ponto de vista – talvez de um modo mais tridimensional do que um viajante ou um turista comum veria, ou os próprios brasileiros veriam”.

4.4

O distanciamento

O envolvimento de Lota com a imensa responsabilidade de construção do Parque do Flamengo, afetou a sua saúde e, por conseguinte, a de Bishop. Após uma séria crise nervosa, que resultou no internamento da companheira, Elizabeth é aconselhada a se afastar por uns tempos do Rio. Então, ela aceita ensinar a disciplina Poesia Moderna em uma universidade de New York. Em 1967, a relação amorosa com Lota Soares já estava se deteriorando. Em uma viagem para New York, no mesmo dia em que chegou, Lota toma uma *overdose* de tranquilizantes e é hospitalizada, vindo a falecer uma semana depois.

Após ter passado por esse episódio dramático, tentando retomar sua vida, Elizabeth Bishop busca no Brasil, que um dia foi seu “porto seguro”, a paz que não encontrava nos Estados Unidos. Ao retornar, logo após a morte de Lota, recebeu um tratamento hostil por parte das pessoas que julgava seus amigos e amigas. Queria ser amparada, pois estava sofrendo, mas tudo o que conseguiu foram pedras jogadas pelos amigos de Lota Soares. Diante da situação, já que nem tinha condições de visitar a preciosa casa de Samambaia (seu segundo lar), Elizabeth providenciou a mudança de seus objetos pessoais para a casa Mariana em Ouro Preto. Era melhor voltar aos EUA e retomar sua vida.

Em busca de novos ares, a poeta decide mudar-se, juntamente com uma nova companheira, para São Francisco, Califórnia. Entretanto, a vida intelectual do Oeste era bem diferente do Leste americano. Elizabeth não tinha projeção em São Francisco; ao tomar parte das “festas literárias” sentia-se como uma *outsider* e não compreendia a forma californiana de praticar a arte poética, muito “moderna” para ela. A sensação de deslocamento estava cada vez mais evidente e o álcool e a depressão voltaram com força total. Novamente, sempre procurando novos ares, decide voltar para o Brasil em 1969.

Chega a Ouro Preto acompanhada de sua nova companheira que conheceu na Califórnia e o filho desta. Com ela tenta criar uma atmosfera familiar na cidade que escolheu para comprar uma casa: a segunda que possuiu em toda sua vida. Porém as coisas continuavam ruins no Brasil, pois as pessoas que Elizabeth conhecia eram amigas de Lota Soares e não a perdoaram, culpando-a pelo suicídio. Além disso, a relação amorosa com a nova companheira não estava indo

bem e era inviável uma relação homossexual em uma cidade como Ouro Preto e o tradicionalismo da sociedade local. Devido a essa situação, Elizabeth passou a sofrer problemas emocionais graves e o alcoolismo agravou-se, sendo necessário, algumas vezes, ela internar-se em clínicas em Belo Horizonte.

4.5

A perda

A nova experiência amorosa não deu certo e Elizabeth viu-se só, tendo que lidar sozinha com o dia-a-dia de Ouro Preto. Finalmente, em setembro de 1970, Elizabeth Bishop desistiu. Alugou a casa de Ouro Preto e abandonou o Brasil. Deixou para trás uma vida da qual nunca iria esquecer e que descreveria em poemas. Estabelece-se em Boston, onde trabalha em Harvard e escreve seus poemas. Lá conhece Alice Methfessel e inicia com ela uma relação de dependência emocional que dura até a sua morte em seis de outubro de 1979.

Nos últimos nove anos da sua vida, Elizabeth Bishop teve que trabalhar para sobreviver dignamente e finalmente vencer a fobia de apresentar-se em público para leitura de seus poemas. Não foram anos fáceis para Bishop; além do eterno problema financeiro, havia o alcoolismo, doenças, a dificuldade em superar o suicídio de Lota e a revolução que esse episódio provocou em sua vida.

Em 1972, co-editou com Emanuel Brasil *An Anthology of Twentieth Century Brazilian Poetry*. Essa edição bilíngue foi publicada sob o patrocínio da Academy of American Poets e apresenta poemas representativos de catorze poetas brasileiros desde o modernismo até o início de 1970.

No ano de 1974, Elizabeth Bishop tem uma grande alegria ao conseguir comprar um apartamento com vista para o porto de Boston em Lewis Wharf. Na varanda desse apartamento, a poeta passava horas agradáveis vendo o movimento dos navios e lembrando-se do mar em frente à seu apartamento do Leme, no Brasil.

Geography III, publicado em 1976, recebeu no ano seguinte o National Book Critics Circle Award. Os poemas deste volume são, na sua maioria, autobiográficos, escritos quando a autora decidiu deixar o Brasil e durante os primeiros anos que passou em Cambridge.

Against the temptation to believe that *Geography III* was solely inspired by her new life in Cambridge and Boston, Millier reminds us that more than half of its poems were begun in Brazil or earlier, including "Crusoe in England" (also published in 1971), which once had been intended for inclusion in *Questions of Travel*. Millier argues, nonetheless, that in this poem Bishop comes as close as she ever did to verse autobiography, a view now widely shared, and it is easy to suppose that "Crusoe" took on new significance for Bishop after her removal from Brazil and return to the United States⁸⁴(Page, 1996, p. 128).

Nesse volume encontramos "One Art", que remete a um tema recorrente na sua vida: a perda. O poema é um inventário das perdas de Bishop, a mãe, a família, Lota, as três casas, além de constatar que sempre viveu cercada pela dor e teve que aprender a aceitá-las. Esse não foi o único inventário que Bishop fez em sua vida. Ao deixar o sítio Samambaia pela última vez, em 1967, escreveu:

INVENTORY

Bed, birdcage, and a chest of drawers,
the biggest shell, the flat and wood-shaped
piece of granite I found myself
the paddle, and the portable ink-well;
the baby-book, [...]
coffee spoons with blue enamel,
the living cat
where – where can I take them next? [...]
Oh let me not have looked
Let it somehow be that I never saw
& the cascade seems hurrying to some
climax, but really never cha[n]ges –
(Bishop, 2006, p.143)⁸⁵

⁸⁴ Contrariando a tentação de acreditar que *Geography III* foi inspirado somente pela sua nova vida em Cambridge e Boston, Millier lembra-nos que mais da metade dos poemas foram iniciados no Brasil ou anteriormente, inclusive "Crusoe in England" (também publicado em 1971), que Bishop outrora intencionara incluir em *Questions of Travel*. Millier argumenta, mesmo assim, que foi neste poema que Bishop mais se aproximou de uma autobiografia em versos, uma posição geralmente aceita atualmente, e é fácil supor que "Crusoe" tomou nova importância para Bishop depois que partiu do Brasil e retornou aos Estados Unidos.

⁸⁵ INVENTÁRIO

Cama, gaiola, e uma cômoda,
a maior concha, uma peça de granito,
com aparência de madeira, que achei,
o remo, e o tinteiro portátil;
o livro-do-bebê, [...]
colheres de café com detalhes em azul,
o gato vivo
onde – para onde levá-los agora? [...]
Ah, que eu não tenha jamais olhado
Que de algum modo eu nunca tenha visto
a cascata parece estar seguindo apressada,
rumo a algum clímax, mas na verdade nunca muda – (Bishop, 2006, p.143)

A woman virtually orphaned before the age of six, raised by successive grandparents and aunts, who at six horrified one grandmother by her staunch allegiance to the flag of the other grandmother; who spent a substantial part of her life on another continent, Bishop's strength in poetry, both early and late, defines itself as revision of certain critical identities. She denies antitheses, confounds pairings. A woman, she refused to be confined within limited gendered boundaries.⁸⁶ (Goldensohn, 1992, p.285)

Elizabeth Bishop morreu em seu apartamento de Lewis Wharf em seis de outubro de 1979, vítima de aneurisma cerebral. O seu epitáfio não foi escrito por Robert Lowell, a quem ela pedira em 1948: “When you write my epitaph, you must say I was the loneliest person who ever lived”⁸⁷ (Bishop, 1994, p.354).

A obra poética de Elizabeth Bishop é representada por pouco mais de cem poemas. Porém, o legado dessa grande poeta é notável e está reunido na biblioteca de Vassar, para onde acorrem pesquisadores do mundo inteiro. Muito já se publicou sobre ela, mas parece-nos que sempre há uma nova forma de lermos a sua poesia.

Bishop recebeu todos os principais prêmios literários de seu país. Mesmo assim ela dizia “que eles não significavam nada”⁸⁸. O primeiro livro, *North & South*, ganhou o Houghton Mifflin Poetry Award em 1946. Em 1955, ela recebeu o Pulitzer Prize pelo volume *North & South and A Cold Spring*. O próximo, *Questions of Travel* (1965), ganhou o National Book Award, em 1967 recebeu duas bolsas de estudos da Fundação Guggenheim. Em 1969 era publicado o livro *The complete poems*. Em 1971, o governo brasileiro reconheceu seu valor como divulgadora da cultura brasileira e outorgou-lhe a Ordem do Rio Branco. *Geography III* (1976), seu último livro, recebeu o National Book Critics Circle Award. Ainda em 1976, Elizabeth Bishop tornou-se a primeira americana a ganhar o prestigiado prêmio de literatura Books Abroad/Neustadt pelo conjunto da obra.

⁸⁶ Sendo Bishop uma mulher que virtualmente tornou-se órfã aos seis anos, criada por avós e tias sucessivamente, que aos seis anos horrorizou a avó ao afirmar sua fidelidade à bandeira do país da outra avó; que passou uma parte substancial de sua vida em outro continente, a força de sua poesia, desde a fase inicial até a última, define a si mesma como uma reavaliação de certas identidades críticas. Ela recusa antíteses e confunde paridades. Como mulher, recusava-se a ser confinada dentro das fronteiras entre os gêneros.

⁸⁷ “Quando escrever meu epitáfio, você deve dizer que eu fui a pessoa mais solitária que viveu nesta terra”.

⁸⁸ Dana Gioia, poeta e antigo aluno de Elizabeth Bishop, em depoimento para a KQED Public Radio – San Francisco. (Forum 2006-03-09: Remembering Elizabeth Bishop with Alice Quinn and Dana Gioia).

Na área acadêmica foi reconhecida como Honorary Doctor of Arts pelas universidades Adelphi, Brandeis, Brown, Dalhousie, Princeton e outras. Foi nomeada Chanceler da Academy of American Poets e também membro da American Academy of Arts and Letters.

Elizabeth Bishop teve mais trabalhos publicados postumamente do que em vida. Após seu falecimento, foram publicados poemas e contos inéditos na revista *The New Yorker*, que depois apareceram nos livros: *The complete poems – 1927-1979* (1983); *The collected prose* (1984) e *Edgar Allan Poe & the juke-box: uncollected poems, drafts, and fragments* (2007). A correspondência de Bishop foi publicada inicialmente em *One art: letters* (1994) e, posteriormente, nos volumes *Poems, prose and letters* (2008) e *Words in the air: the complete correspondence between Elizabeth Bishop and Robert Lowell* (2008)⁸⁹.

Na correspondência de Elizabeth Bishop, o Brasil (Rio de Janeiro, Ouro Preto, Amazônia) é um tema recorrente. Por mais que sempre negasse e evitasse o assunto em entrevistas, Bishop deixou seu amor pelo Brasil em forma de poesia e prosa.

Ainda que a autora criticasse o país e seus habitantes em cartas endereçadas aos amigos, percebe-se nas entrelinhas certa nostalgia, a “saudade” bem brasileira – em uma das suas várias cartas a Linda Nemer, Bishop comentou sobre a falta que sentia do carnaval e de como tocava os discos de marchinhas para sambar sozinha. Essas e outras confidências são reveladas por Eliana de Souza Ávila na Tese *A Poet(h)ics of intercultural dissonance: dynamics of perception in Elizabeth Bishop's Braz/silian texts* (2002).

Nosso objetivo, nesse capítulo, foi o de apresentar ao leitor uma breve biografia de Elizabeth Bishop e alguns de seus trabalhos sobre o Brasil. Esperamos, porém, que essa parte do nosso estudo atenda as necessidades de novos leitores e incentive-os a aprofundar os seus conhecimentos sobre a autora⁹⁰.

Ressaltamos, entretanto, que nosso foco principal é um estudo sobre a viagem da autora à Região Amazônica e os textos que a representam. Portanto, no capítulo final desta dissertação abordaremos como **o olhar poético de Elizabeth Bishop traduz a Amazônia**.

⁸⁹ Ver quadro com o *timeline* das poesias de temática brasileira no anexo 3.

⁹⁰ Ver relação com as obras de Bishop publicadas no Brasil e nos EUA, assim como uma lista dos principais trabalhos acadêmicos, biografias e críticas sobre a autora no anexo 4.